

Augusto Casimiro e Fernando Pessoa: “nau... Portugal” e a conquista da “Distância”

Raquel dos Santos Madanêlo Souza¹

RESUMO: Este ensaio pretende fazer uma análise comparativa entre “O poeta e a nau”, de Augusto Casimiro, publicado na 2ª série da revista *A Águia*, e “Prece”, de Fernando Pessoa, publicado em *Mensagem*, a partir das relações desses poetas e desses poemas com o movimento Saudosista.

ABSTRACT: This essay intends to make a comparative analysis between the poem “O poeta e a nau” by Augusto Casimiro, published on the second season of *A Águia* magazine, and the poem “Prece”, published on *Mensagem*, by Fernando Pessoa, by considering the relationship between these poets and these poems and the *Saudosismo* movement.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia; saudosismo; Augusto Casimiro; Fernando Pessoa.

KEYWORDS: Poetry; saudosism; Augusto Casimiro; Fernando Pessoa.

“Há um país imenso mais real
Do que a vida que o mundo mostra ter
Mais do que a Natureza natural
À verdade tremendo de viver”.²

Augusto Casimiro³ foi um poeta e memorialista português ligado à chamada sociedade *Renascença Portuguesa*⁴ e ao Saudosismo, um projeto nacional de âmbito cultural, religioso e educacional desenvolvido em Portugal no início da primeira década do século XX. Apesar de ter sido um dos principais nomes desse *movimento* da saudade, capitaneado por Teixeira de Pascoaes nas páginas da 2ª série da revista *A Águia*⁵, Casimiro tem sido ignorado pela crítica e pela historiografia literárias.

Esse poeta, juntamente com Pascoaes, Jaime Cortesão e Fernando Pessoa, buscou realizar nesse periódico um movimento de valorização da nação e do nacional:⁶ sua

¹Doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, FFLCH-USP. **Pesquisa:** Convergências e Divergências: Revistas literárias em perspectiva - *A Águia*, Seara Nova e Terra de Sol.

²PESSOA, 2005, p.106.

³Augusto Casimiro nasceu em Amarante, Portugal (n.1889 - m.1967).

Ver http://acpc.bn.pt/deposito_autores/d05_casimiro_augusto.html.

⁴A Sociedade *Renascença Portuguesa* foi criada em 1911, por Jaime Cortesão, Raul Proença, Teixeira de Pascoaes, Augusto Casimiro e outros intelectuais lusitanos, e tinha como objetivo o apoio e divulgação da cultura e educação em Portugal.

⁵*A Águia* foi uma revista de longa duração criada em 1910, no Porto, que teve quatro séries. A 2ª série, com a qual trabalhamos atualmente no Doutorado, teve início em 1912 e durou até 1921.

⁶“A grandeza futura será gerada por características nitidamente nacionais”. OLIVEIRA, 2004.

história, seus heróis, sua cultura e, principalmente, sua literatura. Para eles, a produção literária lusitana *contemporânea* era o indicador mais *evidente* do iminente renascimento da pátria, como se pode verificar em vários textos publicados nos primeiros exemplares da citada revista portuguesa. Pascoaes afirma explicitamente em seu primeiro artigo,⁷ “Renascença”, que os poetas seriam a *florescência* da nação e que a poesia seria o verdadeiro indício do ressurgimento do país. Fernando Pessoa também compartilhava dessa idéia, como se pode verificar na série de artigos que tematizavam “A Nova Poesia Portuguesa”.

À medida que escrevia e publicava esses famosos ensaios nas páginas do periódico portuense, o poeta foi incorporando,⁸ em seu discurso, vários tópicos do chamado Saudosismo expressos em artigos de Pascoaes e Cortesão, bem como nos poemas de Augusto Casimiro. Para esses homens, naquele momento histórico, era preciso criar em Portugal um projeto nacional de renovação da mentalidade e da cultura portuguesa com a finalidade de fazer renascer a pátria. Esse pensamento era fruto de uma tradição que, segundo Eduardo Lourenço, percorre a literatura lusitana desde Garrett até Pessoa, ou seja, a obsessão de criar uma obra que regenerasse, mesmo que simbolicamente, aquela nação. Os saudosistas buscarão criar, então, um movimento que responda a esse anseio de reposição de Portugal em sua grandeza ideal⁹ e que leve o país a fazer parte do sonhado movimento civilizacional.

Mas a situação real do país, da recém instaurada República,¹⁰ não permitia a esses homens pensar em soluções amplas: sociais, políticas ou econômicas. Por isso, a *Renascença Portuguesa* buscará incidir no plano da cultura e, pelo mesmo motivo, os saudosistas buscarão pensar em soluções nos campos do pensamento e da literatura.

Partindo dessas idéias, passaremos a uma breve interpretação¹¹ de um poema de *temática saudosista*¹² escrito por Augusto Casimiro e publicado na 2ª série de *A Águia*.

⁷ PASCOAES, jan. 1912, p.1-3.

⁸ OLIVEIRA, 1998, p.1159.

⁹ LOURENÇO, 1982.

¹⁰ A Monarquia chegou ao fim em Portugal em 5 de Outubro de 1910, quando foi instaurada a República. Em janeiro de 1912, tem início a publicação da 2ª série de *A Águia*.

¹¹ CANDIDO, 2004.

¹² Damos essa denominação de poesia de *temática saudosista*, pois cremos que os poemas que abordam o projeto da saudade não se estabelecem em torno de uma poética, ou seja, não há um programa de poesia que justifique a denominação de *poesia saudosista*.

O Poeta e a Nau¹³

Vai errante, no Mar, uma nau sem governo...
O oceano é chão, o céu azul fundindo em aço...
As velas mortas... Nem sequer vento galerno
As vem inchar para dormir no seu regaço!...

Sobre o antigo convés pesa um velho cansaço,
E ou destino fatal ou maldição do inferno,
O mastro grande em vão aponta para o espaço...

— Sobre as ondas a nau é um cárcere eterno!

Dominando em redor, lá na gávea mais alta,
Um marujo, a cantar, fala do Além, e exalta
Um passado esplendor sobre a nau sepulcral...

“Porque o vento há de vir aninhar-se nas velas!”
“Porque a nau voará, - tocará nas estrelas!...”

— O marujo é Poeta — e a nau... Portugal!¹⁴

Em “O poeta e a nau”, o eu lírico parte de uma imagem tipicamente relacionada ao campo imagístico da poesia lírica simbolista e decadentista,¹⁵ representada por uma nau desgovernada que segue, errante, pelo mar. A dureza do oceano “chão” é indicativa das dificuldades desta navegação e o céu fundido em elemento cinzento e escuro reforça a idéia de uma difícil incursão marítima. As velas, mortas, não têm em seu auxílio o “vento galerno”, brando, que é aqui utilizado pelo eu poético em explícita referência intertextual a um dos versos do Canto II de *Os Lusíadas*.¹⁶ A nau é representada metonimicamente por seus componentes, aos quais são atribuídas características humanas – por isso as velas “mortas”, o “cansaço” do convés e o apontar inútil do mastro em direção aos céus. No *enjambement* do primeiro para o segundo verso da segunda estrofe, o eu lírico indica não saber exatamente qual o motivo de tamanho desalento e oscila entre o “cansaço”, o destino ou alguma “maldição do inferno”. A grandeza do mastro que aponta para o céu contrasta com a insignificância da imagem dessa embarcação em total desamparo.

¹³ CASIMIRO, abr. 1912, p.129.

¹⁴ CASIMIRO, abr. 1912, p.129.

¹⁵ “Na imagística do mar inconstante ou encapelado, do viajar marítimo inseguro, do barco à deriva ou naufragado”. SEABRA PEREIRA, 1975, p.409.

¹⁶ “Mas já as agudas proas apartando/ Iam as vias úmidas de argento:/ Assopra-lhe galerno o vento e brando”. (grifo meu) CAMÕES, p.115.

O verso isolado, na seqüência das duas primeiras estrofes, assemelha-se a uma conclusão que busca enfatizar as idéias expressas anteriormente. A imagem da nau como um cárcere, uma prisão errante e sem destino, sem um porto definido, coroa essa primeira metade do poema que é dividido, tanto semanticamente quanto formalmente, a partir dessa estrofe. O cenário inicial de total desalento é gradativamente suprimido por uma nova situação que começa a se configurar na quarta estrofe. Uma figura espectral, que se encontra posicionada na “gávea mais alta”, em um lugar superior e privilegiado, que permite ver mais e melhor, enaltece o passado dessa embarcação que se encontra, neste momento, morta e perdida. A fala do marujo, extremamente profética, apresenta um otimismo que se opõe às três primeiras estrofes do poema: “Porque o vento há de vir aninhar-se nas velas!/ Porque a nau voará, - tocará nas estrelas!...”. O vento que impulsiona a embarcação ressurgirá e levará este navio a elevar-se às estrelas.

O último verso, também isolado da estrofe anterior, é a conclusão de uma imagem que se vai formando através de uma estruturação crescente das idéias expostas pelo eu lírico. E nesta estrofe, a metáfora¹⁷ é desvendada: “- O marujo é Poeta – e a nau... Portugal!”.

A imagem de Portugal que se nos apresenta nesse poema se insere em uma perspectiva tradicional¹⁸ de um passado de esplendor, de um presente desolador e decadente e da esperança de um futuro novamente grandioso.

No poema, insere-se um dos *topos* mais recorrentes nos textos saudosistas de *A Águia*. O poeta nauta, que busca uma outra via de navegação que não é mais possível nas águas de um oceano/ chão, crê que, pelo fato de possuir uma visão privilegiada, decorrente de sua posição em alta gávea, será capaz de conduzir esta nau/ Portugal em direção a um lugar que eleve essa pátria/ *embarcação*. Através da poesia e, principalmente, do poeta, seria possível retomar, mesmo que simbolicamente, a trajetória a caminho da grandeza futura espelhada em um passado ideal.

Sobre esse papel da poesia, Pessoa, em seu último artigo, publicado nas páginas da 2ª série, não retoma ou parte do passado português, mas apresenta a mesma visão do presente e a mesma idealização do futuro expressas por Casimiro em seu poema. Neste seu último ensaio sobre a produção poética lusitana, publicado em *A Águia*, ele afirma: “a alma

¹⁷ “Transferência, palavra que traduz literalmente o grego *metaphorá*: eis a operação constitutiva de uma figura que se tem reduzido à mera semelhança”. BOSI, 2004, p.39.

¹⁸ OLIVEIRA, 1998, p.1159.

portuguesa, representada pelos seus poetas, encarna, neste momento, a alma recém-nada da futura civilização européia”.¹⁹

Essas observações permitem, ao leitor, perceber que houve, entre Pessoa e o Saudosismo, uma interferência mútua de idéias, como observou Paulo Motta Oliveira em artigo publicado no congresso da Associação Internacional de Lusitanistas. Oliveira comprova neste texto que Pessoa incorpora, nos artigos da revista e em obra poética posteriormente publicada, vários elementos presentes nesse *movimento da Saudade*.

Um desses elementos incorporados por Pessoa em seu discurso foi a crença em novas navegações, a fim de atingir a grandeza ideal a que fizemos referência na introdução deste ensaio. Ainda segundo Oliveira, essas idéias serão retomadas por esse poeta em *Mensagem*:²⁰ “livro em que ecoam as profecias que, duas décadas antes, Pascoaes, Cortesão e Casimiro já haviam, junto com o próprio Pessoa, proferido”.²¹

Partindo dessa idéia, passaremos a realizar uma abreviada interpretação do poema “Prece”, publicado em *Mensagem*.

Prece²²

SENHOR, a noite veio e a alma é vil
Tanta foi a tormenta e a vontade!
Restam-nos hoje, no silêncio hostil,
O mar universal e a saudade

Mas a chama, que a vida em nós criou
Se ainda há vida ainda não é finda.
O frio morto em cinzas a ocultou:
A mão do vento pode erguê-la ainda

Dá o sopro, a aragem – ou desgraça ou ânsia –,
Com que a chama do esforço se remoça,
E outra vez conquistemos a Distância –
Do mar ou outra, mas que seja nossa!

O vocativo “Senhor” e o título “Prece” conduzem o leitor ao campo semântico da religiosidade. O eu lírico se coloca no poema como se estivesse estabelecendo um diálogo, em que confessa ou conclui, com a chegada da noite, que a “alma”, no tempo presente, é vil

¹⁹ PESSOA, dez. 1912, p.191.

²⁰ OLIVEIRA, 1998, p.1167.

²¹ OLIVEIRA, 1998, p. 1166-1167.

²² PESSOA, 2005, p. 83.

e que impera nesse momento um silêncio “hostil”. A vontade e a tormenta ou agitação que davam o tom ao passado foram suspensas, suprimidas, restando a uma coletividade expressa pelo pronome “nos” apenas “o mar universal e a saudade”.

A voz poética segue oscilando entre o que passou e o tempo atual. A segunda estrofe, iniciada por uma conjunção adversativa, que promove coesão com a estrofe anterior, traz um outro elemento do passado: uma “chama” que pode ser reacendida pela “mão do vento”. O vento, que no poema de Casimiro faz renascer as velas da nau/ Portugal, pode ser o responsável pelo renascimento desse *combustível* que havia sido ocultado pelo “frio morto”.

O eu lírico, porém, não possui certezas nem assume um caráter profético, como em “O poeta e a nau”. Ele questiona a existência da chama através do “se”, indicando a dúvida, e por meio do advérbio “ainda”, utilizado duas vezes no segundo verso da segunda estrofe e repetido²³ no quarto verso da mesma. A oscilação pendular tem continuidade na terceira estrofe, que se inicia por um verso em que se demonstra o conhecimento das possibilidades de instabilidade do próprio motor dessa mudança. Quando a voz poética parece clamar por uma intervenção divina: “Dá o sopro,²⁴ a aragem – ou desgraça ou ânsia”, leva-se em conta a possibilidade da mudança de direção e intensidade²⁵ desse fenômeno da natureza e também da vontade daquele que guiará, com sua mão, esse vento que pode ou não ser redentor.

No penúltimo verso, porém, a dúvida se desfaz e a tensão opositiva presente no poema dá lugar a um imperativo: “E outra vez conquistemos a Distância -”. Importa, portanto, conquistar a *Distância*, “outra vez”, não importando, porém, qual seja ela, se do “mar ou outra”, desde que seja autenticamente portuguesa. Nesse último verso, Pessoa retoma outro dos *topos* mais recorrentes no Saudosismo, que é, como dissemos anteriormente, o nacionalismo desse projeto de restauração de Portugal.

²³ “*Re-iterar* um som, um prefixo, uma função sintática, uma frase inteira, significa realizar uma operação dupla e ondeante: progressivo-regressiva, regressivo-progressiva”. E ainda: “*Re-iterar, re-correr, re-tomar* supõem *também* que se está a caminho; e que se insiste em prosseguir”. BOSI, 2004, p.41. Nesses versos da segunda estrofe, a repetição da palavra “ainda” parece indicar essa idéia de recorrência como um *estar a caminho*, acreditando na existência dessa chama e mantendo a oscilação *ondeante* que cremos perpassar todo o poema.

²⁴ O Vento, segundo Herder Lexicon, “como *sopro*, simboliza a intervenção ou a expressão do espírito divino; por isso os ventos, como os anjos, eram considerados mensageiros dos deuses”. LEXICON, 1990, p.202.

²⁵ “Vento – Por ser impalpável e mudar rapidamente de direção, o vento simbolizava a fugacidade, a instabilidade e a vaidade; (...) como *sopro*, simboliza a intervenção ou a expressão do espírito divino”. LEXICON, Herder. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: Cultrix, 1990, p.202.

Assim como no poema de Augusto Casimiro, em “Prece” está presente uma visão tradicional da história portuguesa como citamos anteriormente. O passado é visto como um tempo ideal, em que havia *ainda* uma agitação, uma “vontade e a “chama” acesa em oposição a um presente decaído, escuro, silencioso e hostil. O futuro, em ambos os poemas, é o lugar idealizado e almejado pelas vozes poéticas. Nas duas poesias interpretadas, construídas em sentido vertical²⁶ e crescente, a navegação encaminha a pátria a um outro lugar, diferente do que se representa no presente desalento, seja se elevando às estrelas, seja se encaminhando a uma nova e definitiva conquista.

Pessoa utiliza neste poema a idéia de uma nova navegação, autenticamente portuguesa, a fim de projetar Portugal, mesmo que simbolicamente, em um porto que faça renascer a nação lusitana. Porém, nesse processo de aproximação entre Pessoa e o Saudosismo, é importante que façamos uma breve reflexão. Muitos críticos tendem a ler a relação desse poeta com esse movimento como um indicador de inexperiência ou um equívoco²⁷ do escritor. Mas como afirma Paulo Motta Oliveira:

(...) não podemos considerar nem esta participação como um equívoco, nem que Pessoa forneceu ao Saudosismo *o programa que lhe faltava*. De fato, ao aproximar-se do Saudosismo, Pessoa acabou por incorporar elementos que marcariam a forma como a partir de então analisaria o destino de Portugal. (OLIVEIRA, 1998, 1166.)

Oliveira afirma ainda que *Mensagem*²⁸ é uma obra em que “ecoam” várias das idéias expressas nos primeiros volumes da 2ª série de *A Águia*, escritos sob o signo da Saudade. Em resumo, o que motivou os homens da *Renascença Portuguesa* e os principais nomes do Saudosismo foi o desejo de – através dos textos da revista e, posteriormente, com Pessoa em *Mensagem* – promover a conquista da Distância através de novas navegações que permitissem a elevação de Portugal e sua inclusão na tão sonhada Civilização.

²⁶ “O tempo vertical se eleva. Por vezes também afunda”. BACHELARD, 1991, p.186. No poema de Casimiro, caminha-se da escuridão do aço em direção à luz das estrelas. E no “Prece”, vai-se da noite em direção à luz da chama, que se reacenderá com o auxílio da mão do vento. Em ambos os poemas, a direção é do escuro ao claro, do passado negativo ao futuro de esperança e otimismo.

²⁷ Segundo Paulo Motta Oliveira, João Gaspar Simões e Georg Rudolf Lind afirmaram que a relação de Pessoa com o Saudosismo foi equivocada e fruto de sua juventude e inexperiência.

²⁸ Não há nenhum estudo aprofundado sobre as relações entre *Mensagem* e o Saudosismo na 2ª série de *A Águia*. Mas algumas considerações a esse respeito podem ser encontradas em OLIVEIRA, 1998.

Referências bibliográficas

- BACHELARD, Gaston. “Instante poético e Instante Metafísico”. In.: *O direito de sonhar*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 7ª ed.
- CANDIDO, Antonio. *O estudo analítico do poema*. São Paulo: Associação Humanitas, 2004. 4ª ed.
- CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Porto: Porto Editora, 1983.
- CASIMIRO, Augusto. “O poeta e a nau”, in. *A Águia*, 2ª série, Porto, v.1, n.4, p.129, abr. 1912.
- LEXICON, Herder. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: Cultrix, 1990.
- LOURENÇO, Eduardo. “Da Literatura como Interpretação de Portugal”. *O Labirinto da Saudade*. Lisboa: Dom Quixote, 1982. 2ª ed.
- OLIVEIRA, Paulo Motta. “Fernando Pessoa e o Saudosismo: a *Nova Poesia Portuguesa* em *A Águia*”. Oxford, Atas do Quinto Congresso Internacional de Lusitanistas, 1998. p. 1157-1167.
- PESSOA, Fernando. *Obras Poéticas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2005.
- PEREIRA, José Carlos Seabra. *Decadentismo e Simbolismo na Poesia Portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora, 1975.